



FELICIDADE:

UM MODO DE EXISTÊNCIA POSSÍVEL E NECESSÁRIO?

Palavras-Chave: FELICIDADE, ACADEMIA, DISCURSO, ENUNCIÇÃO, SUBJETIVIDADE

Autoras:

GRAZIELE STORANI, IEL – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SHEILA ELIAS DE OLIVEIRA (orientadora), IEL - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Felicidade é um tema que circula em várias áreas do conhecimento, da medicina à política, passando pela economia, filosofia, psicologia e tantas outras. Sua presença em áreas do saber, bem como em metodologias de apoio pessoal, como o *coaching* e a autoajuda, pode ser entendido como um reflexo da busca do homem, desde a antiguidade até os dias atuais, para dar sentido à vida. Em buscas realizadas no portal Google, 95 milhões de resultados são apresentados à pergunta “o que é felicidade?” e, ao pesquisar apenas a palavra “felicidade”, 146 milhões de resultados apareceram em menos de 1 segundo. Já quando a pesquisa é sobre “como ser feliz”, os resultados se multiplicam consideravelmente e chegam a 730 milhões de resultados, o que indica um grande interesse em procurar, produzir e apresentar conteúdos que sirvam como orientação para obter a felicidade, significada como um bem necessário, um propósito de vida a ser conquistado.

Nessa conjuntura, busquei compreender os sentidos de felicidade como tema recorrente de um historiador contemporâneo. Leandro Karnal se tornou conhecido para além da academia a partir de seu canal no Youtube e de seus perfis nas redes sociais *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, de livros de divulgação publicados, de sua participação em programas de internet, rádio e TV como convidado e de palestras realizadas a convite de empresas divulgadas nas redes sociais. Ele se tornou um influenciador digital e em suas publicações, a felicidade é um tema recorrente. Propus-me, então, a investigar os sentidos de felicidade e os modos de significação do sujeito contemporâneo em algumas de suas publicações. A hipótese inicial, comprovada, é de que a felicidade é direcionada como estratégia de vida para um ideal projetado enquanto modo de existir em sociedade como indivíduo responsável por si mesmo.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO:

Em publicações escritas e audiovisuais do historiador Leandro Karnal que tematizam a felicidade, debrucei-me sobre as seguintes questões: “como a felicidade significa nos dizeres de um acadêmico que se tornou influenciador digital com milhares de seguidores?”; “estariam os dizeres de Karnal

apontando para uma significação da felicidade como estratégia de vida”? “que divisão política de sentidos está em jogo na significação da felicidade pelo historiador influenciador?” e “que efeitos esses dizeres projetam sobre a sociedade?”

Para analisar como a palavra *felicidade* e o objeto a que ela refere significam em dizeres de Leandro Karnal como historiador e comunicador/influenciador público, tomamos como dispositivo teórico a Semântica do Acontecimento (Guimarães, 1995, 2002) em seu diálogo com a Análise do Discurso (AD) materialista (Pêcheux, 1975; Orlandi, 1992).

Busquei analisar os dizeres do historiador/influenciador sobre felicidade considerando que “a relação de designação é uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposto à diferença”, como afirma Guimarães (1995, p. 74). A referência, segundo o autor, não pode ser estabelecida entre fala e o objeto no mundo, pois “o objeto é uma exterioridade produzida pela linguagem, mas não se reduz ao que se fala dela, pois é objetivada pelo confronto de discursos”, desse modo, “o objeto é constituído por uma relação de discursos. A sua materialidade é este confronto” (*ibidem*, p. 74). Desse modo, ao estudar os sentidos da felicidade, observo a palavra e os dizeres associados a ela como tema. De acordo com Guimarães (2003), a designação é “a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico” (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

O histórico é concebido na relação com a Análise do Discurso, no modo “como a linguagem se materializa na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 1999, p. 15). A ideologia afeta o sujeito e seu dizer constituído na memória, o interdiscurso, que relaciona o dizer com “sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes” (*ibidem*, p. 29). Desse modo, alguns elementos intervêm no dizer. Além da memória, as condições de produção de um discurso que, em sentido mais estrito, é afetado pelas circunstâncias da enunciação, “o contexto imediato” (*ibidem*, p. 28) e, em sentido mais amplo, pelo “contexto sócio-histórico e ideológico” (*ibidem*, p. 29). As condições de produção envolvem ainda fatores como: as relações de sentido, na medida em que “um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (*ibidem*, p. 37); a antecipação que o sujeito faz quanto ao sentido que suas palavras produzem em seu interlocutor, regulando desse modo, o seu dizer, pois “todo sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras”, e assim “dirá de um modo ou de outro, segundo efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (*ibidem*, p. 37); e a relação de forças no discurso, porque o “lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (*idem, ibidem*). Para a AD, bem como para a Semântica do Acontecimento, o dizer não é transparente, mas apresenta uma materialidade simbólica própria, que resulta na espessura semântica dos dizeres.

O *corpus* de análise reúne enunciações de 2016 a 2022. Há dois livros sobre o tema, o mais recente intitulado “Felicidade: modos de usar”, de 2019, em parceria com os filósofos Luiz Felipe Pondé e Mário Sergio Cortella, e “Felicidade ou morte”, de 2016, escrito em parceria com o filósofo e jornalista Clóvis de Barros Filho. Há também postagens em redes sociais: foram selecionadas quatro postagens

de seu perfil do Instagram sobre *felicidade*, além de quatro vídeos no Youtube, intitulados: “Eu sou amigo da felicidade”; “Resiliência”; “4 passos para buscar a felicidade” e “Felicidade ou morte”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao longo da análise do corpus selecionado, que compreendeu dizeres de Leandro Karnal entre os anos de 2016 e 2022, observei, nas diferentes publicações do autor, uma deriva, um movimento nos sentidos em que *felicidade* é determinada semanticamente por sentidos de responsabilização e individualização do sujeito. No primeiro material analisado – o livro *Felicidade ou morte*, de 2016 – era possível observar uma abordagem histórica, quando o autor fazia uma retomada dos sentidos de felicidade ao longo do tempo e das civilizações. Nesses dizeres, seu lugar social de historiador era base de apoio referencial para seu dizer. A partir da análise do conjunto do *corpus*, pude concluir que uma das questões centrais levantadas na pesquisa – “estariam os dizeres de Karnal apontando para uma significação da felicidade como estratégia de vida”? – foi confirmada.

Tal direcionamento nas enunciações do historiador influenciador permitiram responder também às questões: “como *felicidade* significa nos dizeres de um acadêmico que se tornou influenciador digital com milhares de seguidores?” e “que divisão política de sentidos está em jogo na significação de Karnal?”, uma vez que, ao apresentar a felicidade como estratégia de vida do sujeito, Karnal a significa como algo pessoal, de responsabilidade individual, que deve alcançá-la a despeito de suas condições de vida.

Karnal sempre fala do lugar do saber, a academia. Seu dizer carrega o prestígio de sua autoridade intelectual enraizada nas projeções imaginárias construídas na academia, na grande mídia e nas redes sociais. Em uma conjuntura de aumento das desigualdades sociais, de valorização da meritocracia e do sucesso financeiro como referência de posicionamento social, dizeres que promovem o apagamento do papel do Estado no compromisso com a felicidade do cidadão e enaltecem a responsabilização do sujeito pela sua vida podem contribuir não apenas para a manutenção das desigualdades, mas para a construção de uma sociedade cada vez mais individualista. Afinal, não encontrei em seus dizeres uma definição de felicidade, mas sim direcionamentos para conquistá-la como indivíduo. Diante dessas observações, podemos perguntar, por exemplo: o que é felicidade? Tem o mesmo sentido para todos? É individual? É necessária para a vida? É uma obrigação moral?

A designação de felicidade nos dizeres analisados os aproxima de metodologias de apoio pessoal, como o coaching e a autoajuda, os quais responsabilizam o sujeito por sua felicidade. Ele se aproxima de discursos de psicologias positivas e de outros saberes inscritos no capitalismo neoliberal.

Levando em conta sua autoridade a partir da posição de acadêmico e intelectual, a repercussão do historiador como influenciador na grande mídia, volto à questão: “que efeitos esses dizeres projetam sobre a sociedade?”. Ao reproduzir discursos de autorresponsabilidade individual em dizeres que culpam o indivíduo por seus fracassos (suas infelicidades?) e o responsabilizam por construir sua felicidade, Leandro Karnal produz sobre a sociedade efeitos de apagamento: do papel do Estado na vida social, da necessidade mínima de um debate sobre a vida e sobre o lugar da felicidade no desejo inconsciente, da

construção da vida social de modo coletivo. Na medida em que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado a sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 1999, p. 15), ao significar o sujeito como indivíduo autorresponsável e a felicidade como meta individual, dizeres como estes atuam na desmobilização da reivindicação coletiva de melhores condições sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*, tradução Ivone Castilho Benedetti, São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ARMITAGE, D. *Declaração de Independência: uma história global*; tradução Angela Pessoa, São Paulo: Schwarcz, 2011, p. 28.
- BARCELOS, F. J. *A eudaimonia na Ética a Nicômaco de Aristóteles*, Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172937/001060488.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10/5/2022, às 14h30.
- BARROS FILHO C. & KARNAL, L. *Felicidade ou morte*, Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2016.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 43 a 45
- CABANAS, E. e ILLOUZ, E. *A Ditadura da Felicidade: como a ciência da felicidade controla nossas vidas*. Lisboa: Temas e Debates, 2019.
- CORTELLA S., KARNAL L. & PONDÉ L. *Felicidade: modos de usar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 112-113
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. *Certeza, sentido, conhecimento*. Revista Linguagem, São Carlos, v.34, Número Temático, jan./jun. 2020, p. 1-20.
- ELIAS DE OLIVEIRA, S. *'Resiliência' e 'empoderamento' nos processos de subjetivação contemporâneos*. In: BIZIAK, J. S., PEREIRA, F., SOARES, S. M. R. (org). *Rede de afetos em discurso: uma homenagem a Mônica Zoppi-Fontana*. Campinas: Pontes, 2021, p.173-188.
- FERRAZ *et al*, 2007. *Felicidade: uma revisão*. Revista Pisiq. Clínica, 34, 5. 2007, p. 234-242.
- GUIMARÃES, E. “Civilização na Lingüística Brasileira no Século XX”. Matraga, 16. Rio de Janeiro, UERJ, 2004a.
- Guimarães, E. “Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano”. *Letras*, 2003, (26), 53–62.
- GUIMARÃES, E. *Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002 e 2009.
- MARIANI, B. *Questões sobre solidariedade*. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos do público no espaço urbano*. Campinas: CNPq/LABEUB/Editora Pontes, 2001. p. 43-50.

- ORLANDI, E. P. *Do sujeito na história e no simbólico, Escritos 4 – Contextos epistemológicos da Análise do Discurso*, 1983, p. 11-16.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000, p. 36.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. Edição original: 1975.
- PEREIRA, GE da Silva, *Autorresponsabilidade: um segredo para o sucesso?* Campinas: IEL, 2021.
- ZOPPI FONTANA, M.G. *Identidades (in)formais. Contradição, processos de designação e subjetivação na diferença*. Organon (UFRGS) , Porto Alegre, v. 17, n.35, , 2003, p. 245-282.